



Klaus Peters, filho: favoritismo confirmado na Copa.

PRANCHA A VELA UMA CLASSE EM FORMAÇÃO

O sucesso da I Pelotas Windsurfing Cup, realizada em São Paulo, levou a euforia aos adeptos da prancha a vela. E já se pensa na oficialização da Classe.

Reportagem de LIANA JOHN Fotos de LUÍS CARLOS KFOURI

A Confederação Brasileira de Vela e Motor deve receber, até o final de setembro, os estatutos definitivos da flotilha paulista de prancha a vela, bem como o anteprojeto das flotilhas dos outros Estados — passo fundamental para a oficialização do esporte no Brasil e a formação da associação da Classe, com seus parâmetros definidos em termos de metragem de vela, dimensão da prancha e outros itens.

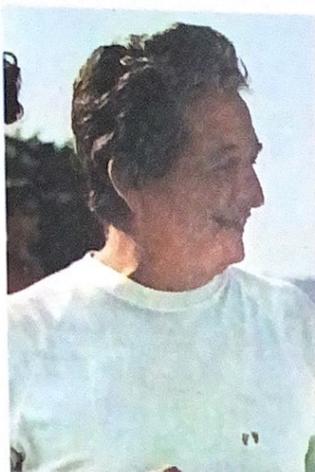
— Por enquanto — diz Mathias Mangels, capitão da flotilha paulista —, os estatutos são provisórios e só temos mesmo a flotilha de São Paulo. A do Rio começa a ser formada. Mas o sucesso que foi a I Pelotas Windsurfing Cup, em São Sebastião, nos permite antecipar que a Classe será oficializada em breve.

Os adeptos da prancha a vela contam, para suas próximas iniciativas, com o impulso que o esporte teve com a disputa desse primeiro campeonato, em frente ao Porto Grande Hotel, e que reuniu 44 competidores representando cinco fabricantes de prancha a vela: Windglider, Sail Board (importada), Ten Cate ou Windsurfer, V Surf e Mac Coi.

As provas foram divididas em duas categorias — geral e feminina —, sendo que as moças que se sentissem em condições poderiam participar da geral. Não houve divisão por peso ou idade, por causa do número ainda insuficiente de participantes para integrar categorias diferenciadas.

O vento, depois da primeira regata, esteve bastante forte e no mar praticamente não havia ondas. Essas condições favoreceram o bom andamento da competição e asseguraram o sucesso desse campeonato pioneiro, organizado e patrocinado por Klaus Peters (Lustres Pelotas e Porto Grande Hotel).

O júri, integrado por Fábio Bu-

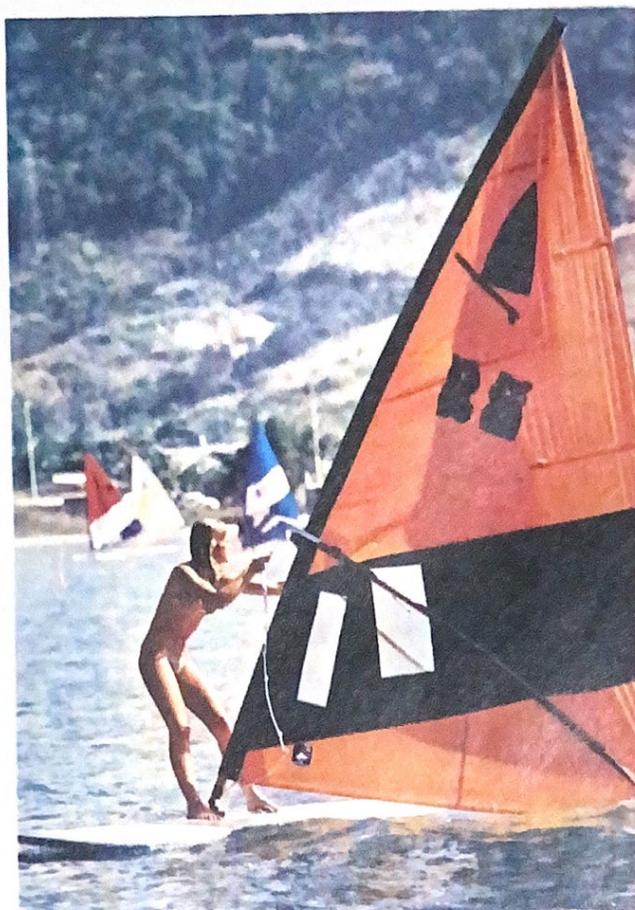


Klaus Peters, pai: sucesso na promoção.

charelli, Thomas Polizaitis e Wolfgang Richeter, decidiu sobre os troféus para os cinco primeiros colocados na categoria geral e as três primeiras da feminina. Houve também prêmios especiais oferecidos pela Coast Catamarã: uma prancha Windglider completa; uma roupa de borracha O' Neal e um *reck* Marine para transportar a prancha; e uma vela Piccolo para os três primeiros da categoria geral. Para a categoria feminina foram oferecidas pranchinhas para pendurar na corrente, sendo uma de ouro e duas de prata, para as três primeiras colocadas.

O grande favorito, Klaus Peters (filho), paulista de 19 anos, confirmou seu favoritismo, pois já havia vencido em fevereiro deste ano uma prova na praia de Pernambuco, no Guarujá.

Klaus afirma que a experiência anterior em vela (*Hobbie Cat 14 e 16*) o ajudou muito. O segredo de sua técnica "é um treino constante em condições mais desfavoráveis do que as que se espera encontrar numa prova".



Na categoria geral, a presença feminina.



Belinha: reclamações na primeira regata.



Vento forte prejudicou os concorrentes mais leves.

— Eu, por exemplo — conta Klaus —, treinei muito com Jerri King (norte-americano, 8º no mundial), que esteve aqui, a passeio, no começo do ano. A gente descia as ondas e atravessava a rebentação com a prancha. Isso requer muita segurança e equilíbrio. Conseguindo fazer o mais difícil, o resto fica muito mais fácil.

O único que se aproximou de Klaus foi o também paulista Jan Feitsma, que levou vantagem nas duas regatas de vento mais fraco. Jan, de 32 anos, é mais leve que Klaus e também está em boa forma. Segundo ele, a inobservância de uma regra internacional da prancha a vela o prejudicou nos dias de vento forte. Em São Sebastião, quem partisse com uma vela teria de usá-la em todas as provas, enquanto que em disputas fora do país o competidor pode usar vela de tempestade quando o vento aumenta. A diferença entre uma vela normal e uma de tempestade é que esta é menor, exigindo menos força do competidor.

— Como eu sou muito leve — observa Jan —, meu peso não aguenta a vela normal, que tomba muito. Se eu tivesse podido trocar a vela, acredito que teria chance de ganhar. Mas, de qualquer forma, a maioria aqui ainda não tem outro tipo de vela, foi o primeiro campeonato e eu acho que valeu. Isto, porém, tem

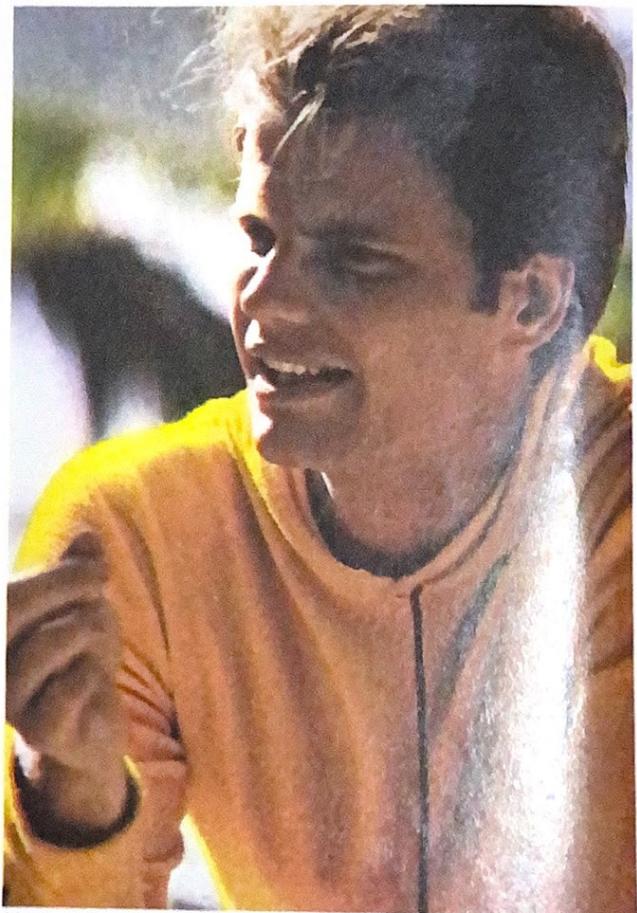
de ser modificado para as próximas competições.

Outra reclamação foi quanto às regatas femininas. Isabel de Magalhães, a Belinha, paulista, 21 anos (7º lugar em uma das provas da categoria geral e campeã da feminina), acha que a primeira regata deveria ter sido anulada. As outras duas — foram três as provas na categoria feminina — transcorreram bem, com vento apropriado e percurso no tamanho certo (um triângulo e uma perna).

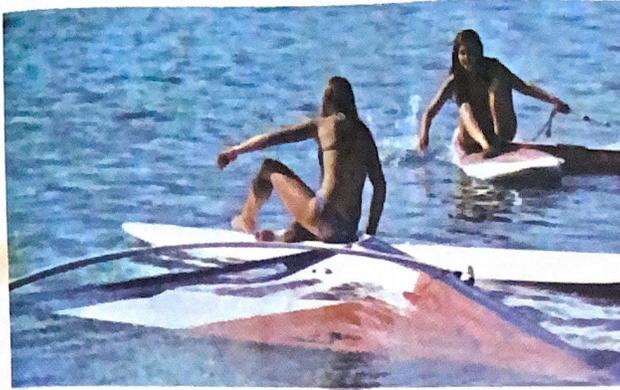
— Mas a primeira prova foi uma loteria — diz ela —. Não tinha vento para que se pudesse disputar a regata da categoria geral, então eles realizaram a prova da categoria feminina. Aí, deram a saída da praia e não da bóia. Para completar, gritaram para as meninas irem remando — de gozação, porque não tinha vento — e algumas saíram mesmo remando. Ninguém tinha a mínima noção de regras. Eu sai em último lugar.

Belinha já possuía experiência em barcos, tendo velejado com Cláudio Kunze, ex-campeão mundial de *Pingüim* e Manfred von Schaaffhausen, que lhe deram as dicas sobre como dominar o vento, hora de saída e outras informações. Ela também já praticava *surf* (foi campeã brasileira), o que lhe deu um bom equilíbrio na prancha.

No geral, a organização do campeonato foi muito elogiada,



Mathias Mangels: "A Classe será oficializada breve".



A falta de experiência dificultou os preparativos de algumas moças.



TAÇA WINDGLIDER

Depois de realizada a I Pelotas Windsurfing Cup, a Coast Catamarã patrocinou uma outra regata, a Taça Windglider, lá mesmo em frente ao Porto Grande Hotel. A princípio, essa prova deveria ter sido disputada em Maresias, a 30 quilômetros de São Sebastião, mas os competidores (os mesmos que participaram do campeonato) não se mostraram dispostos a vencer aquela distância numa estrada ruim.

A praia de Maresias ofereceria um espetáculo diferente, uma vez que lá as ondas são bem mais fortes. De qualquer modo, a prova foi realizada em frente ao Porto Grande Hotel, com 23 participantes. Jan Feitsma foi o primeiro colocado, seguido de Mathias Mangels. Os competidores que terminaram nos últimos lugares chegaram muito depois dos primeiros classificados, porque o vento, fraco desde o início, parou no meio da regata.

não só em termos das provas, como de hospedagem e ambiente. Bruno Emery, diretor da escola de vela Leste I, do Rio, só reclama da falta de divulgação do campeonato fora de São Paulo. Diz que só soube de sua realização por acaso e que teve de arrumar tudo às pressas para participar com uma equipe de cinco, representando a V Surf.

O único competidor fora do eixo Rio-São Paulo foi José Blanco, 32 anos, do Rio Grande do Sul. Mas sua participação não foi muito significativa porque ele não treinava há seis meses, alegando que "é muito frio lá para baixo".

O Porto Grande Hotel costumava patrocinar uma regata de canoas, de que participavam os caiçaras do litoral paulista. Depois de dez anos, parece que agora a prefeitura de São Sebastião vai se encarregar de promover o evento. E a intenção, ao patrocinar a I Pelotas Windsurfing Cup, é a mesma: iniciar um projeto e passá-lo, futuramente, à responsabilidade de uma entidade oficial.

— Desta vez — afirma Klaus Peters (pai) — nós organizamos tudo, até a flotilha e os estatutos provisórios exigidos pela Federação Paulista de Vela, para que o campeonato fosse para valer. No futuro, daremos o apoio e as facilidades do hotel, mas esperamos poder contar, então, com uma Classe oficializada. 